

MÍSTICA E ILUSTRAÇÃO NA FORMAÇÃO CRISTÃ DE GABRIEL MALAGRIDA: REPERCUSSÕES NO TRABALHO MISSIONÁRIO NO BRASIL DO SÉCULO XVIII

Maria das Graças de Loiola Madeira*
Roseane Maria de Amorim**

RESUMO

A intenção deste texto é recuperar a formação intelectual de Gabriel Malagrida (1689-1761) e as repercussões em sua ação missionária no Brasil do século XVIII. Por mais de 30 anos, o catequizador e jesuíta italiano ergueu e restaurou espaços de recolhimento para grupos sociais moral e fisicamente em risco. Nesse sentido, o objetivo deste texto é traçar um perfil do itinerário desse missionário que alimentou uma fama de santo nos sertões por onde andou e explicitar a ação educativa da sua obra. Temos como problema de pesquisa a seguinte questão: quais as marcas de formação expressas em seu trabalho missionário no Brasil? A nossa base teórica se encontra nos estudos de Paul Mury (1874), principal biógrafo do missionário, Miguel Real (2009) e Ilario Govoni (2008). Estamos ancorados também na Nova História, especificamente, na história cultural na medida em que tomamos as obras do Padre Malagrida como ações educativas inscritas nas culturas dos sujeitos que passaram pela sua evangelização. Entendemos que a feição do cristianismo de Gabriel Malagrida era feita de palavra, de rastros e de instituições que cuidavam do corpo e da alma do povo em desamparo. O estudo procura esclarecer que não eram apenas as palavras escrita e falada do missionário que insultavam ou incomodavam seus algozes, mas a memória de santidade atribuída pelo povo e parte da nobreza, somada às notícias de sucesso do seu trabalho de fundador de obras assistenciais no Brasil. Nesse sentido, ele intimidava a quem o julgava por ter uma trajetória de exposição de uma vasta cultura literária e teológica, a qual não haveria como destruir nem com seu corpo transformado em cinzas.

Palavras-chave: Gabriel Malagrida. Formação humanística. Ação missionária.

Recebido em: abril/2012 – Aceito em: junho/2012

* Professora do Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas, com Pós-doutorado em Educação. E-mail: gloiola@bol.com.br.

** Professora do Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas, Doutora em Educação. E-mail: roseane.mda@hotmail.com.

MYSTIC AND ILLUSTRATION ON THE CHRISTIAN FORMATION OF GABRIEL MALAGRIDA: REPERCUSSIONS ON MISSIONARY WORK IN BRAZIL OF CENTURY XVIII

The purport of this text is to represent the intellectual formation of Gabriel Malagrida (1689-1761) and the impact on their missionary work in Brazil at XVIII century. For more than 30 years, the catechizer and Italian Jesuit lifted and restored places to shelter social groups morally and physically in jeopardy. It is this sense that the purpose of the paper is to delineate the way of this missionary who maintained a saintly reputation in the hinterlands where he went and explain the educational activities in his work. We have as a research problem the following question: which characteristic traits of formation were found in his missionary work in Brazil? Our theory is based on studies of Paul Mury (1874), biographer of the main missionary, Miguel Real (2009) and Ilario Govoni (2008). We are also anchored in New Story, specifically in cultural history by taking the works of Priest Malagrida as educational actions inscribed in the cultures of the people who were evangelized by him. We understand that Gabriel Malagrida's Christianity was made by his word, his evidences and institutions that took care of the body and soul of the people in helplessness. The study seeks to explain better that it was not just the words written and the speech of the missionary who insulted or bothered his tormentors, but the memory of sanctity attributed by the ordinary people and nobility, together with the news of the success of his work as founder of charities in Brazil. In this sense, he intimidated who wanted to judge him because of its life trajectory and exposure to a wide theological and literary culture, which, as there would not destroy that trajectory neither with his body turned into ashes.

Keywords: Gabriel Malagrida. Humanistic Education. Missionary Action.

1 Introdução

E, em verdade, acontecimentos há na vida, que são como as cenas das peças teatrais: umas vezes cenas festivas, outras vezes cenas lúgubres.

(MALAGRIDA *apud* MURY, 1874, p. 144).

Os estudos de História da Educação brasileira relativos ao período colonial têm merecido tímida atenção dos atuais pesquisadores da área, em razão talvez da pouca documentação disponível e do exíguo investimento na análise das fontes manuscritas que se reportam a um

passado remoto de nossa história. Dedicar-se a essa análise significa poder compreender os motivos pelos quais instituições tradicionais como a Igreja Católica puderam se perpetuar com vigor em nossa sociedade. Ao conferir uma ressignificação social ao seu projeto doutrinário, ela foi capaz de manter uma mobilidade nas táticas de conquista de novos adeptos.

Dedicar-se aos estudos da educação no período colonial implica ter gosto e afinidade com a história dos primeiros séculos da colonização, como nos adverte Ferreira Júnior (2007). O autor lembra que é preciso retomar a discussão em torno do trabalho educacional jesuítico dos primeiros séculos de permanência dos europeus no Brasil, afinal os inacianos mantiveram durante 210 anos as mesmas matrizes que marcaram profundamente tanto a nossa estrutura de ensino (FERREIRA Jr., 2007)) quanto à forma de educar hábitos e sentidos de vida do povo nas ações missionárias.

Os motivos que nos levaram a esta investigação surgem da necessidade de conhecer de forma mais aprofundada o trabalho missionário de um homem ilustrado que se consolidou em solo brasileiro, a ponto de ganhar a fama de santo, dentro e fora da Colônia no século XVIII. Trata-se de Gabriel Malagrida (1689-1761), jesuíta italiano, que permaneceu no Brasil dos anos de 1721 a 1754, em missões, conversões, construção e reparos de igrejas, seminários e conventos, a fim de propagar o ideário da Igreja Católica. Ao percorrer gigantescas extensões geográficas dos atuais estados do Pará à Bahia, ele alimentava o propósito de atender a um dos princípios missionários da Ordem inaciana, qual seja desenvolver um trabalho intenso e expansivo de apostolado. Essas terras ofereciam um fértil espaço para tal ação, por serem conhecidas como “inferno” verde e seco, dada as condições de vida inóspita dos humanos que ali viviam.

Para a realização deste estudo, levantamos a seguinte indagação: quais as marcas de formação expressas em seu trabalho missionário no Brasil?

Poucos escritos de maior fôlego se encontram disponíveis sobre a formação de Gabriel Malagrida e suas peregrinações pelo Brasil. Os esparsos registros dão visibilidade particularmente às intrigas levadas a cabo pelo ministro português Sebastião José de Carvalho e Melo, mais conhecido por Marquês de Pombal, ao acusá-lo de herege e vidente, e denunciá-lo ao Santo Ofício, a ponto dele ter sido garroteado e queimado pela Inquisição, na cidade de Lisboa, em 1761. A acusação de herege devia-se às insinuações dirigidas à Corte portuguesa pelo missionário

no opúsculo de sua autoria Juízo da verdadeira causa que padeceu a Corte de Lisboa (1756)¹, no qual a acusa de ser a principal responsável pelo Terremoto de Lisboa de 1755².

O trágico episódio da morte do jesuíta italiano encontra-se brevemente esboçado nas obras de Soares (1986), Ribeiro (2002) e Azevedo (2004). São esparsas Referências contidas na discussão em torno da história de Portugal do século XVIII, com atenção especial ao embate entre a Companhia de Jesus e o ministro Carvalho e Melo, que culminou com a expulsão da Ordem das colônias portuguesas em 1759.

Outro elemento que pode explicar a ausência de investigação a respeito da dimensão formativa e ação missionária de Malagrida refere-se muito provavelmente à ausência de obras de sua autoria, como assim o fizeram os padres Antônio Vieira e José de Anchieta. Com relação aos seus registros, consta apenas o opúsculo já mencionado, além de cartas, notas de aula³ e notícias de peças teatrais. Sobre esses rastros de formação, discorreremos a seguir.

Este texto foi organizado em dois momentos: o primeiro aborda a formação humanística de Gabriel Malagrida, tendo como centro as orientações da Companhia de Jesus; o segundo ressalta sua ação educativa com relação ao resguardo moral e físico de grupos sociais brasileiros, entre eles mulheres, crianças e jovens.

2 A dimensão pedagógica e literária da formação de Gabriel Malagrida

Gabriel Malagrida nasceu na cidade de Menaggio, ao norte da Itália, em 1689. Ingressou na Companhia de Jesus em 1711, na qual prosseguiu com seus estudos nas cidades de Milão e Genova. Ali concluiu o noviciado como jesuíta, em 1719. Por quatro anos esteve em cidades francesas, dois deles em Bastia, na Ilha de Córsega, um ano em Nice e outro em Vercelli, para cumprir quatro anos de Magistério. Em missão, migrou para Lisboa de onde partiu para trabalhos missionários no Brasil aos 31 anos. Ao chegar às terras brasileiras, na condição de missionário, segundo Govoni (2008), Malagrida prestou o exame ad

¹ O opúsculo encontra-se em anexo na obra de Mury (1874).

² Conforme Voltaire, um terço da cidade de Lisboa foi destruído com o Terremoto entre os anos de 1755-1760, ou seja, mais de 30 mil pessoas morreram sob os escombros. Tal tragédia foi tema em três das suas produções, como Poeme sur le desastre de Lisbonne (1756) e Candido (1759).

³ O que entendemos por notas de aulas estão relacionadas às peças teatrais produzidas nos colégios da Ordem inaciana.

gradum (defesa acadêmica) para o qual teve que revisar toda Filosofia e Teologia em São Luís. Até 1729, ele já dominava um aprendizado sobre a vida indígena e o ambiente colonial brasileiro. Passou a ensinar Humanidades e Teologia aos estudantes jesuítas da Vice – Província do Maranhão. Nos anos seguintes, foi destinado ao trabalho missionário. De 1736 a 1747, manteve-se ocupado nas missões apostólicas, visitando e pregando nos atuais estados do Pará e Bahia.

Por quase 30 anos, ele percorreu esses lugares erguendo e reformando fundações de interesse da Igreja Católica, quer templos religiosos, quer conventos e seminários. Em meio a essas tarefas, fazia conversões, orientações espirituais, previsões e supostos milagres. Uma fama de santo e respeito pelo seu trabalho disseminou-se por todo o reino. Com o fim do governo de D. João V (1721-1750) – que lhe havia concedido apoio financeiro às obras missionárias -, o cenário político no reino se modificara com a administração de D. José I, para a qual nomeara Sebastião José de Carvalho e Melo, o futuro Marquês de Pombal (1770). Em tais circunstâncias, o missionário encontrou em 1754, na Corte portuguesa, o declínio da Ordem inaciana, sofrendo perseguições dentro e fora do reino. Motivado pelo terremoto ocorrido em Lisboa no ano de 1755, Malagrida escreveu um opúsculo intitulado *A verdadeira causa do terremoto de Lisboa [...]*, no qual indiretamente acusa a Corte Portuguesa de ser responsável pela tragédia. Como resposta, Carvalho e Melo reuniu provas que o incriminaram, acusando-o de herege e falso profeta. Essas e outras acusações, que serão tratadas neste texto, condenaram Gabriel Malagrida à fogueira na data de 20 de setembro de 1761, na Praça do Rossio em Lisboa (RODRIGUES, 2010).

Embora não tenhamos como centro desta discussão as tramas que levaram o jesuíta italiano à fogueira, seus escritos estão atravessados pelos embates com os inimigos da Ordem inaciana, desde as composições teatrais, opúsculos, cartas e registros de orientações espirituais. Entretanto, o ponto central deste texto é pôr em análise a dimensão pedagógica e literária de sua formação e as repercussões em suas ocupações no Brasil. Esses indícios podem nos indicar por quais perspectivas teóricas a Companhia de Jesus se amparava para preparar mestres e missionários. Em alguns escritos de Gabriel Malagrida podem ser visivelmente constatadas as Referências à literatura dita pagã ou clássica, particularmente a latina. O poeta latino Virgílio é mencionado no opúsculo *O Juízo da verdadeira causa [...]*. Nele, indiretamente o

missionário acusou a Corte Portuguesa de ser a principal responsável pelo Terremoto de 1755, por isso a ira divina se manifestava de forma implacável para punir todos os perseguidores dos jesuítas. Ao se utilizar de uma passagem da obra *Georgiche*, de Virgílio, Malagrida induz ao leitor a crer que a cidade de Lisboa havia sido alvo de uma implacável ação da natureza movida pela justiça divina:

Não cuido que será indecente de materia tão severa explicar-me com uma comparação e fantasia poetica, que talvez é a mais nobre de quantas nasceram na cabeça do príncipe dos poetas, Virgilio: examinado pois este prodigioso engenho, e fazendo anatomia dos raios com que Jupiter irado mostrava o seu furor contra a terra; assenta, que os cyclopes⁴ na sua fabrica ajuntavam uma certa e terrível mistura, que era o tortuoso dos nimbos, o chuvoso das nuvens, o impetuoso dos ventos, e a força mais activa e abrasadora do fogo; porem o unir e confederar contra a ruina da terra elementos tão opostos, e impacientes de união, só o podia idear a ficção de um entendimento poético [...]. (MALAGRIDA *apud* MURY, 1874, p. XIII).

Para Virgílio e Malagrida, a fúria sem precedentes da natureza era uma forma de responder contra ataques criminosos dirigidos aos justos. Em relação a Virgilio, tratava-se de um discurso ideológico em torno das constantes guerras civis sangrentas instauradas no Império Romano contra o soberano Júlio César (CONTE, 2011). Quanto ao missionário, era uma forma de revidar ou tornar pública as perseguições que o ministro dirigia à Ordem inaciana, as quais eram merecedoras de um castigo divino.

Referências outras sobre essa tradição clássica podem ser visualizadas no conjunto de cartas trocadas entre Malagrida e a Marquesa Eleonora, após seu retorno a Portugal em 1754. Esses documentos foram condensados numa obra intitulada *La conferencia spirituale fra Malagrida e la Marqueza Eleonora*, publicada em 1761⁵. Num discurso irônico e sarcástico, próprio dos clássicos latinos, Malagrida avaliava aqueles doutos ou sábios e santos, que, em nome da

⁴ Ciclopes, segundo a literatura clássica, eram seres monstruosos e agrestes, além de gigantes (GOVONI, in RODRIGUES, em nota de pé de página, 2010, p. 506).

⁵ Faltam-nos informações precisas a respeito da constituição dessa obra. Muito provavelmente ela resultou de uma reunião de cartas e orientações espirituais dirigidas por Malagrida à referida Marquesa quando ele esteve como seu principal orientador espiritual. As reuniões feitas na casa daquela senhora foram interpretadas pela Corte Portuguesa como lugar de conspiração contra o rei, motivo pelo qual a Marquesa Eleonora teve o mesmo fim cruel do missionário (ATA DO SANTO OFÍCIO, 1759).

providência, da lei e da ciência condenaram toda a obra da Companhia de Jesus. No confronto dessas acusações, ele apresentava um estilo refinado, original e talvez moderno, uma vez que a ironia põe em movimento qualquer forma enrijecida e cristalizada de pensar (CAMBI; GIAMBALVO, 2008). Portanto, era uma escrita transgressora por se contrapor aos argumentos da Corte com a defesa de sua memória, biografia e trajetória missionária de doutrinador e de fundador de obras assistenciais no Brasil. Essa postura ousada de inversão das injúrias ajudava “a demolir a hipocrisia, o filisteísmo⁶ e o dogmatismo”, como adverte Cambi e Giambalvo (2008, p. 14). As marcas desse recurso discursivo estão, sobretudo, na obra *La Conferenza Spirituale [...]*, (1761, p. 83): “em todo caso espero que aqueles motivos que têm persuadido, e convencido Teólogos de primeira classe, convenceriam ainda o vosso espírito [...]”. Ao nomear mordazmente os inquisidores de “Teólogos de primeira classe”, o jesuíta italiano demonstrava, de um lado, a consciência de sua superioridade intelectual, de outro, denunciava a torpeza artilosa dos que lhe interpelavam, ou aqueles respaldados de ciência, leis e sabedoria. Mas esses doutos, sábios e devotos eram para Malagrida como padres bárbaros maquiavélicos que saboreavam com prazer o fim da Companhia de Jesus⁷. De forma desdenhosa, ele argumenta:

[... a Companhia] foi examinada à luz da ciência, da prudência, e da Oração de pessoas douradas, sabias, e devotas, e com um parecer unânime si prever a indolência da Companhia sem outro remédio. Homens sábios e santos assim a julgaram no Senhor. [...] nós jesuítas não somos aquelas raposas astutas, aqueles espertos Maquiavélicos, que certos por seus cordiais amores desejam fazer crer [...] não somos corte de providência e prudência que pensaríamos em usar um remédio não menos violento que perigoso [...]. (MALAGRIDA, 1761, p. 61).

Ao se armar de expressões irônicas, o missionário punha em dúvida a sapiência de seus algozes e dessacralizava os ditos doutos, pertencentes ao Santo Ofício e supostamente fiéis ao rei, como um modo de inverter os argumentos de infâmia e heresia que recaíam sobre

⁶ O termo utilizado pelo autor é atribuído àquele que cultiva um espírito estreito, vulgar, que busca apenas prestígio ou conveniência social, apesar de não merecê-la.

⁷ Alusão à carta de Rousseau a Voltaire, Sobre a Providência, na qual a discussão gira em torno do Poema sobre o Terremoto de Lisboa, publicado em 1756 por Voltaire.

sua trajetória. Pela sátira, Malagrida exercitava o direito da dúvida, de desfazer as certezas da Corte ou de desnaturalizar sujeitos e lugares, ao rebater a acusação de criar falsas doutrinas: “[...] e que assim como os Doutores estavam variando entre si, também elle declarante podia variar, e interpretar os lugares das escrituras por ser Teologo.” (ATA DO SANTO OFÍCIO, 1761, p. 21).

O tom desdenhoso de Gabriel Malagrida parecia estimular o riso. Emanuele Narducci (2010, p. 63), ao se referir aos textos de Cícero, lembra que o humorismo ajuda a remover as emoções, ajuda a sedar a cólera de acusações odiosas que não são fáceis de serem dissolvidas apenas com o uso da razão. A escrita do missionário e seus argumentos de defesa poderiam pôr dúvidas ao senso comum que recaiu sobre seu pensamento, de que era um homem que sofria alucinações e que, portanto, não merecia atenção nem para seus escritos, tampouco para seus argumentos de defesa. Mas quando se analisa o conjunto do seu pensamento, elabora-se um contraponto para a imagem criada em torno dele, pelos seus admiradores como mentecapto, e pela Inquisição como impostor, falso profeta e divulgador de heresias. Ou seja, surge um homem de pensamento refinado e sarcástico sob a inspiração de obras clássicas.

Outros rastros dessa formação clássica também se encontram em algumas composições teatrais lembradas por Rodrigues (2010, p. 456), contemporâneo de Malagrida. No capítulo Foi dotado por Deus de Ciência, eloquência e outros dons, da obra Vida do padre Gabriel Malagrida, traduzida por Ilario Govoni (2010, p. 456), são listadas algumas composições. Além da tragédia nomeada de Aman, outras foram mencionadas, conforme testemunho do padre José Teixeira, estudante do Colégio Jesuítico de Santo Antão Grande em Portugal:

- 1) Santo Aleixo exilado
- 2) O Imperador Mauricio
- 3) Focas
- 4) A mulher do Faraó
- 5) Santa Eustáquia
- 6) Santa Quitéria
- 7) São Luis
- 8) Estanslao em sua Apoteose
- 9) Marciano
- 10) Cristo Nascente
- 11) Cristo Sofredor
- 12) O juízo
- 13) Aman

Dois outros dramas foram encenados na Corte portuguesa, entre 1754-1758, intitulados *Santo Adriano* e *La fedeltà di Leontina*, conforme Rodrigues (2010), dedicados respectivamente a Dom Antônio⁸ e à viúva de D. João V, a rainha Mariana Vitória da Áustria. Com relação às peças teatrais citadas, a última da lista, *Aman*⁹ ou *Amanus* tornara-se famosa. Primeiro por Malagrida tê-la elaborado nos anos iniciais após sua ordenação, destinada aos alunos do Colégio jesuítico da cidade de Bastia. Segundo, porque, entre 1759 e 1761, enquanto esteve preso, por pouco o drama não fora novamente representado, com a intenção de afrontar o poder de Carvalho e Melo. Por essa razão, talvez, a referida composição tenha sido confiscada pelo Santo Ofício, servindo de prova para acusá-lo de herege e de falso profeta no Tribunal da Santa Inquisição. Assim relembra Gaetano Forti e Giulio Cesare Cordela (1784, p. XII) a trajetória desse drama na memória do Missionário:

Da Tragédia latina, composta por Malagrida, no Colégio de Bastia na Corsiga onde ensinava humanidade, intitulada *Amanus*, foi reencontrada e confiscada com outras suas cartas; [...] o bom Religioso desejava fazer representar em Setubal mesmo encontrando-se exilado; dizia-se ser uma belíssima composição; mas ouviu de um autor devoto e amigo, que podia dar-se facilmente, que o primeiro Ministro se achasse ofendido [pela semelhança] com o herói do Drama; imediatamente desistiu de representá-la. (tradução nossa).

Na composição, as similitudes entre o ministro português e o personagem-título *Aman* eram visíveis, sobretudo com a comparação da perseguição aos judeus por *Aman* e aquela impingida aos jesuítas pelo futuro Marquês de Pombal. O texto original foi confiscado e possivelmente destruído pela Inquisição. Portanto, o que nos levou a conhecer o teor do enredo foi à consulta a duas obras que narram o drama, cuja história é extraída do Antigo Testamento. Uma delas, publicada em Florença, possivelmente entre 1523 e 1570, de autoria desconhecida, recebeu o título *La rappresentatione di Aman*; a outra, *Ineditos portugueses dos seculos XIV e XV*¹⁰, foi compilada por Boaventura (1829).

⁸ Dom Antônio (1694-1757) era irmão de D. João V, portanto, tio do monarca D. José I. Ele vivia longe da Corte, tanto que morreu na “Quinta da Tapada”, próximo a Lisboa.

⁹ Ao compor esse drama, é provável que ele tenha se inspirado em *La rappresentatione di Aman*, texto publicado em Florença no ano de 1523, com 32 páginas. A obra está dividida em cinco Atos e tem em Ester, Mardocheo, *Aman* e o rei Assuero os principais personagens.

¹⁰ Essa história encontra-se resumida em 10 capítulos no livro *Estória do Livro de Hesther*, cujo conteúdo foi compilado por Frei Fortunato de S. Boaventura, sob o título *Ineditos portugueses dos seculos XIV e XV*, editado em Coimbra pela Real Imprensa da Universidade de Coimbra, com data de 1829, p. 147-154.

Ambas narram a história de Ester, Mardocheo e Aman. Judia e sobrinha de Mardocheo, Ester havia sido cobiçada pelo rei para ser rainha da Pérsia. Aman, figura soberba e ambiciosa, ocupava um posto elevado no reinado de Assuero, imperador da Pérsia, e nutria um ódio feroz por Mardocheo. Sem conhecimento do soberano, o personagem-título ordena a perseguição e a destruição do povo judeu, do qual fazia parte Mardocheo e Ester. Ao ser descoberto, foi levado à execução por trair a confiança do rei.

O drama recorre ao par *virtus/furor* do teatro senecano¹¹, como lembra Francesca Nenci (2007). Mardocheo era o principal alvo de Aman, líder do povo judeu, porque se apresentava como homem orgulhoso, que não se curvava aos superiores. Ambos travavam uma luta entre o bem e o mal, cujo par se adequava bem na reafirmação do dogma cristão. A vitória do bem significava a implacável e infalível justiça divina, diante dos sentimentos de vingança, soberba e ganância de Aman, temas centrais desse enredo. É possível que Malagrida pretendesse, mesmo que do ponto de vista literário, fazer justiça diante das atitudes ensandecidas de Carvalho e Melo. Portanto, por expressar uma possível crítica à conduta do ministro português, o drama serviu de prova contra Gabriel Malagrida na sentença de sua execução em 1761:

E assim vinha no conhecimento de que huma tragédia, que havia composto, na qual faziam figuras Ester, Mardocheo, e Aman fazia verdadeira profecia do que havia succeder em Portugal com os conspiradores de sua Companhia, dos quaes alguns tinham fugido outros serão castigados, e que ela com brevidade seria restituída ao seu antigo decoro [...]
(ATA DO SANTO OFÍCIO, 1761, p. 12).

O uso pedagógico dessas tragédias teatrais era uma forma de divulgar e inculcar a moral cristã e a legitimação de uma determinada ordem social pelo exemplo, de forma que a palavra ou a retórica fosse traduzida para uma linguagem corporal e assim tivesse um efeito mais rápido e duradouro na modelação de indivíduos. Malagrida se utilizava do recurso discursivo da ironia e da sátira para reagir às acusações da Corte e do Santo Ofício e, em particular, à figura do futuro Marquês de Pombal, a exemplo do drama de Aman.

¹¹ Ao todo, Seneca compôs nove tragédias, que segundo ele, tal gênero literário era a única forma de dizer coisas grandes e belas, talvez pela possibilidade de explorar com mais intensidade a moral humana. Entre os dramas teatrais de Seneca estão: *La follia di Ercole*, *Troades*, *Phoenissae*, *Medea*. *Fedra*, *Agamemnon*, *Tieste* e *Octavia*.

Consideramos importante ampliar a leitura a respeito da finalidade dos usos da dramaturgia elaborada por Malagrida – cuja reflexão pretende se estender ao papel formativo da dramaturgia na Companhia de Jesus –, por ser um modo de conhecer as razões pelas quais o teatro tornou-se um recurso importante na formação dos jovens que se propunham a seguir a referida Ordem. Nesse sentido, a dramaturgia assumia um papel não apenas de doutrinar povos não europeus, a exemplo dos indígenas brasileiros. Pelo que se observa, o exercício da composição e da encenação teatral era um modo de transpor a palavra ou o exercício da retórica para a linguagem corporal como elemento de formação dos seus religiosos. O exercício constante desse expediente ajudava a Ordem na atualização da formação, com relação ao conteúdo da palavra, ao uso da voz e da expressão corporal, adequando-os evidentemente aos seus interesses doutrinários.

Como se observa, os estudos dos clássicos latinos deixavam uma sólida formação de valores ligados à virtude, à ética, à piedade, à prudência, à fidelidade, à honestidade e ao temor das forças divinas que tanto cabiam nas intenções do dogma cristão. Ele se revelava na forma de “conselhos”, de “preceitos” para consolidar valores de uma moral religiosa, como aquela necessária à sobrevivência do dogma cristão católico.

Todas essas composições teatrais podem fornecer marcas de sua formação apoiada na literatura clássica a serviço da liturgia, como também compreender que tais ações representavam menos uma censura ao tipo de teatro profano praticado na Corte, e mais uma forma de confronto com o poder político lusitano, tendo a frente o futuro Marquês de Pombal auxiliado por ordens católicas rivais à Companhia de Jesus, como os dominicanos e os franciscanos.

Esta também é uma oportunidade de oferecer ao leitor uma reflexão acerca do valor pedagógico dessa forma artística que ensinava a revidar por meio da arte para evitar o confronto direto com os adversários, como assim induziam os clássicos latinos, a exemplo de Seneca ao satirizar Claudio, o Divino¹², Imperador romano, pelo exílio a que fora submetido na Ilha de Córsega, ou mesmo se utilizar

¹² Seneca (2010) publicou uma narrativa literária com o estranho nome de “apokolokyntose. O título pode estar associado à ideia de que Claudio, ao chegar ao tão esperado reino eterno para ser contemplado com uma “apoteose” recebeu uma “apokolokyntose” ou uma abóbora. Nesta sátira, Sêneca simula o funeral e a chegada do imperador romano no plano espiritual, no qual, sem que esperasse, prestará contas das maldades e crimes cometidos em seu governo.

do par virtus/furor para qualificar a luta entre o bem e o mal, presente tanto nas tragédias senecanas quanto no dogma cristão. O contato dos atores e espectadores com esse tipo de literatura marcada pela riqueza interpretativa dos clássicos greco-latinos e suas respectivas mitologias era um modo de pedagogicamente formar e reformar o público dos colégios da Companhia de Jesus e dos teatros de Lisboa.

A Corte lisboeta foi palco de grande disputa entre a Ordem inaciana e o governo de D. José I. As encenações teatrais também recebiam esse contorno de disputas de poder. À época do Terremoto, a administração da Corte havia estimulado um tipo de teatro que era interpretado pelos jesuítas como profano. Portanto, uma forma de revidá-lo era propor outro tipo de encenação que cuidasse de zelar pela incorporação do dogma cristão. Vejamos os argumentos do missionário para combater os espetáculos profanos, argumentos esses que se somavam àqueles circulados no opúsculo sobre os pecados da Corte:

Bem claramente o temos visto. Os theatros, as músicas, as danças mais immodestas, as comedias as mais obscenas, os divertimentos, as assistências aos touros, sendo tanto o concurso, que enchem as praças e as ruas todas, e nas igrejas, nas festas sagradas, nos sermões, nas missões apostólicas, por mais fervorosas que fossem, não aparecia um alma! Era a maior lástima ver n'aquelles espectadores profanos, ainda pessoas mais insignes em sciencia, eloquência e virtude! (MALAGRIDA *apud* MURY, 1874, p. XIX).

Ao pretender encenar Aman, Malagrida queria transformar em arte sua indignação, atualizando uma antiga história mística à luz dos dilemas vividos pela Ordem inaciana. Toda a sua experiência literária parecia ser transformada em reflexão da experiência humana. É nesse universo que se move seu pensamento, sua formação e sua ação. Seu patrimônio literário, portanto, não se prestava ao mero exercício da retórica ou ao adorno decorativo para deleite dos ouvintes, pois era mesclado de mensagens da mitologia, do dogma cristão e de suas próprias experiências. Assim, ele concedia vida a personagens esquecidos, comparando Aman ao ministro Carvalho e Melo, cruzando o mundo divino e mítico com o humano, e dando, a seu parecer, um destino justo, embora no terreno literário. Pela arte, ele golpeia mortalmente o inimigo, desarmando-o de qualquer revide, porque diretamente não havia provas de que o futuro Marquês de Pombal tenha sido moralmente difamado com o personagem Aman. Contudo, o drama serviu de prova da leitura voraz que Malagrida elaborara do referido ministro, o grande algoz da Companhia de Jesus.

3 A obra missionária e as marcas da orientação doutrinal da Ordem Inaciana

Neste segundo momento do texto, nossa intenção é poder articular as marcas de formação do missionário com as peregrinações pelas grandes extensões territoriais brasileiras, que se seguiam dos atuais estados do Pará à Bahia. Nas conversões de povos, mulheres e jovens, era o momento de articular sua ilustrada formação humanística com uma mística composta por elementos da doutrina cristã e por aspectos da mitologia dos clássicos latinos. Portanto, as orientações e exercícios espirituais, as composições teatrais, todos esses recursos pedagógicos se somavam à fundação de instituições que serviam para cuidar e consertar a alma e o corpo dos devotos. Assim, as conversões associadas às missões e às peregrinações faziam parte de um repertório de recursos pedagógicos da Companhia de Jesus para propagar sua doutrina.

Algumas breves informações de Serafim Leite (1943), a respeito das missões de Gabriel Malagrida, estão em História da Companhia de Jesus no Brasil. Em meio às perseguições travadas ao Norte do Brasil, Malagrida escreveu por volta de 1752 dramas religiosos, extraídas do Evangelho, as quais foram muito apreciadas pelos fiéis. Os espetáculos eram encenados nas casas inauguradas por ele como o Recolhimento do Maranhão e somente representadas por figuras masculinas, conforme recomendavam as orientações tridentinas. Aqueles que saíam dos espetáculos retornavam as suas casas mais comovidos e convertidos do que assistindo aos costumeiros eloquentes sermões (LEITE, 1943). Conforme o autor, antes, ele já havia encenado uma tragédia intitulada Vida e conversão de Santo Inácio (1735), e o Padre Antonio Aleixo, que o sucedeu no Seminário do Pará, encenou uma peça teatral com o título Hercules Galliaes [ou] Gallicus e Religiones Vindex¹³.

Outro registro a respeito é do romancista e dramaturgo brasileiro Marcio Souza (2005), ao abordar o processo de colonização ao Norte do Brasil, mais particularmente o florescimento das artes no Pará, quando destaca a paixão do povo de Belém pelo teatro. Segundo o autor, foi naquela cidade onde algumas das ousadas peças de Gabriel Malagrida foram levadas ao palco, e vista pela primeira e única vez.

¹³ Provavelmente as duas composições recebiam a tradução de Hercules da Galileia e Religiões Justas.

Ao retornar à Corte no início do ano de 1754, o missionário trazia consigo tanto as memórias dos êxitos de suas atividades missionárias quanto as queixas de perseguições do reinado de D. José I. Portanto, essas encenações não se tratavam apenas de uma tradição de uso do teatro pela Companhia para doutrinar/reafirmar o dogma cristão ou mesmo como um lugar de formação de seus religiosos, ou em última hipótese um modo histórico de perseguir a Corte lusitana, tese assinalada pelo português Teófilo Braga (1871), mas também um recurso artístico que se convertia num modo de devolver as perseguições cometidas contra a Ordem.

Com relação ao trabalho missionário, centrado na construção e reparação de instituições no Brasil do século XVIII ao Norte do país, ele fundou seminários, conventos e recolhimentos destinados aos jovens e mulheres, de regiões consideradas inóspitas, conforme Miguel Real

Desde São Luís até Salvador, passando pelos então estados selvagens e despovoados do Piauí, Ceará, Alagoas, Paraíba e interior de Pernambuco, com o fito de reconstruir igrejas abandonadas e de construir conventos femininos para meninas abandonadas, mulheres rejeitadas e viúvas [...] (REAL, 2009, p. 181).

Por onde passou, o missionário italiano conseguiu erguer e restaurar um número expressivo de instituições. Desde igrejas, casas de recolhimentos para mulheres, a seminários destinados a preparar rapazes para a Ordem inaciana. O itinerário do missionário parecia um verdadeiro zigue-zague; não havia uma lógica prévia para chegar às vilas, povoados e cidades. As viagens eram possivelmente movidas pelas necessidades e urgências para atender aos chamados.

Seu itinerário parecia induzir a edificá-lo como um mártir, a exemplo do que registra Paul Mury (1874). O nome “Gabriel” era motivo de comparação a um anjo enviado para salvar mulheres consideradas malvistas. Depois, a fundação de edificações como uma casa de retiro em São Luís, seminários, conventos femininos, asilos e igrejas restauradas. E, por fim, a trágica morte operada pela Inquisição.

A atual região que abrange os estados de Paraíba, Pernambuco, Alagoas e Bahia serviu de base para a consolidação do seu trabalho missionário, e assim colher a fama de santo. Em Alagoas, particularmente na atual cidade de Penedo, localizada às margens do Rio São Francisco, Malagrida esteve por quinze dias e fez intensos trabalhos, tanto nos exercícios de Santo Inácio como nas conversões. De Penedo, seguiu

para Poxim (AL), onde restaurou uma igreja. Na Vila de Alagoas, atualmente Marechal Deodoro, se tem notícias de manifestações de milagres (MURY, 1874, p. 83).

Uma das instituições mais famosas fundadas por ele foi o Recolhimento de Igarassu (PE), por volta dos anos de 1740. Ali, ele construiu um asilo para abrigar mulheres convertidas com a ajuda de Miguel Sepulveda, do jesuíta alagoano Antônio Paes e de uma senhora de nome Maria Antônia de Jesus. Antônio Paes, apesar de cego, ocupou o cargo de diretor espiritual dessa instituição, da qual somente foi retirado pelo Santo Ofício, levado a Lisboa e morto no cárcere, em 1761. As doações vultosas de homens e mulheres ricas da região somadas às verbas concedidas pela Corte o fizeram erguer os alicerces da referida instituição (MURY, 1874, p. 83).

O jesuíta Serafim Leite (1943) também destaca a construção da instituição feminina de Igarassu (PE), a qual passou a ser chamada de Sagrado Coração de Jesus. As mulheres recolhidas recebiam o nome de “esposas de Jesus”, e viviam sob “as regras das Ursulinas”¹⁴. No referido recolhimento, eram mantidas mulheres de duvidosa moral, que assim eram resguardadas para que se evitassem possíveis recaídas.

Na década de 1740, Malagrida se manteve ocupado na construção de instituições e realização de missões nas fronteiras entre Paraíba e Pernambuco. Ele mantinha visitas frequentes entre João Pessoa, Goiana (PE) e Igarassu (PE). Na companhia de dois jesuítas, Pedro Reigoso e Antonio Paes, o missionário iniciou a construção de um seminário na cidade de João Pessoa para a formação de jovens jesuítas. Em Igarassu, fazia visitas frequentes à construção do já mencionado recolhimento; próximo dali, em Goiana (PE), pregava e fazia missões. A respeito, Govoni (2008, p. 49) publicou informações dos manuscritos de Matias Rodrigues, contemporâneo do missionário:

Ele reuniu 40 “mulherzinhas” – assim nomeava as mulheres convertidas – reconduzidas a Cristo e levou-as ao recolhimento da Vila de Igarassu, já convenientemente construído e acomodado ao propósito. Foram recebidas ali pelo estimado Pe. Sepúlveda, no dia acertado, ainda que estivesse faltando a Capela do Recolhimento.

¹⁴ As regras da Companhia de Santa Úrsula foram fundadas em 1535, por Angela Merici (1474-1540), conforme determinação tridentina.

A construção dessas instituições tivera grande apoio da Coroa portuguesa enquanto o rei D. João V esteve vivo. Miguel Real (2009) escreve que, em 1749, quando Malagrida foi a Corte rogar fundos para as missões brasileiras, D. João V, que vivia entevado numa cama por mais de sete anos, teria “enchido a arca deste de dobrões de ouro e adornado a estatueta da Virgem das Missões¹⁵ de roupeta de seda franjadas a ouro e de cordões de diamantes [...]” (2009, p. 179). Apesar de ter acesso ao prestígio e à riqueza que a Corte lhe destinava, a construção e manutenção das instituições no Brasil custavam altas somas. Assim, era impossível efetivar tais propósitos sem a ajuda vultosa das doações de homens ricos daquelas terras¹⁶: “Para suas devoções iam à igreja Paroquial. Deus favoreceu a essas “mulherzinhas” levadas à sobriedade. Moveu, enfim os corações de homens ricos para que trouxessem ajuda e contavam já com três currais para sustentação, além de outras ajudas de menor importância.” (GOVONI, 2008, p. 49). Mas ele vivia em constantes sobressaltos, devido ao estado de pobreza, de fome e das constantes secas que abatiam aquela região e o seu povo. No relato do cronista, em épocas de luta pela sobrevivência Malagrida pregava e convertia mulheres que pretendiam ser acolhidas do Recolhimento, mas,

Quando veio a fome agravada pela seca, não puderam mais manter as 52 pessoas que viviam sob os cuidados do Recolhimento de Igarassu. Além da fome reinava por toda parte o saque. Alguns flagelados saquearam peças de ouro que ele trouxera dos sertões de Pernambuco e Paraíba para a campanha de construção do Recolhimento. Tal acontecimento o prendeu ao leito por vários dias. (ROGRIGUES *apud* GOVONI, 2008, p. 65).

A fundação do recolhimento de Igarassu passou por vários outros percalços além do aspecto financeiro. Um deles foi o embate com a ordem dos franciscanos. Os capuchos, como eram conhecidos, contestavam a presença das mulheres convertidas no recolhimento, por serem inapropriadamente chamadas de “virgens do Coração de

¹⁵ A estatueta da Virgem das Missões acompanhava Malagrida em suas viagens (GOVONI, 2008, p. 178).

¹⁶ Antes de se retirar daquela região, ele delegou direitos ao padre Miguel Rodrigues Sepúlveda para tomar posse de todas as doações relativas à instituição. Quanto ao Seminário de João Pessoa, Serafim Leite (1943) lembra que o edifício, embora ainda não tivesse sido concluído em 1757, dispunha já de habitação para 18 alunos internos. Nas andanças por Recife, por volta de 1739, Malagrida foi pároco da Igreja de Boa Vista, e, nesse cargo, fundou “duas irmandades, a do Santíssimo Sacramento e a de Nossa Senhora do Rosário, esta última exclusivamente de pretos” (COUTINHO, 1986, p. 80).

Jesus”, entregues ao instituto e às regras das Ursulinas. Para impedir o progresso da instituição, eles proibiam o recebimento de esmolas nas redondezas da Vila de Igarassu, somente barrados com a publicação de um Alvará em 1751 (GOVONI, 2008, p. 55). Esse episódio também foi lembrado por Almeida (2005), quando menciona o referido alvará do governo português permitindo a Malagrida a construção de um recolhimento para abrigar mulheres convertidas, onde ele assim considerasse conveniente. Como se observa, o mesmo prestígio que fazia revigorar o recolhimento de Igarassu também atraía a rivalidade e os interesses de outras congregações católicas, como os franciscanos ou os “capuchos”.

Sobre a rivalidade entre as diversas ordens religiosas católicas, Giovio (1975) expõe a forte atuação dos frades dominicanos no processo de incriminação de Malagrida. Estes, assim como os franciscanos, compunham os mais ferozes inimigos da Ordem inaciana em suas missões, desde aquelas do Oriente, empreendidas na Índia e na China, às realizadas na América, mais particularmente em terras brasileiras. Tal vestígio revela uma disputa de poder no interior da Igreja Católica que pode apontar outros percursos investigativos sobre as razões que levaram à expulsão e extinção da Companhia de Jesus na segunda metade do século XVIII. Uma delas seria a colaboração dessas ordens católicas rivais com a Coroa Portuguesa.

Uma figura importante nessa trama foi particularmente P. Norberto ou Pierre Parisot, frade franciscano. Ele mantinha atividades remuneradas na Corte portuguesa, durante o período em que Carvalho e Melo esteve como ministro. O referido religioso alimentava um sentimento de revanche para com os inacianos durante as missões na Índia e na China, sobre a qual publicou em 1751 *Memorie Storiche sopra le missioni de Padri della Compagnia di Gesu all’Indi, alla Cina*¹⁷. Tal ressentimento pode ser constatado numa carta publicada em 1762, na qual Parisot ressalta que esteve presente ao julgamento, ao garrote e à queima do corpo de Malagrida, e confessa que sentia mais horror de seus pecados do que em testemunhar seu corpo reduzir-se a cinzas. Com tal empenho, o frade esforça-se para justificar a lisura pela qual se deu a sentença decretada pelo Santo Ofício, tendo à frente homens doutores e cientes das leis nas quais ampararam tal decisão.

¹⁷ A obra foi composta em seis volumes, com um total de quase 900 páginas. Traduzida em várias línguas, mas publicada originalmente em Londres, a referida obra foi condenada pela Igreja Católica, levando Parisot a ser expulso da Ordem religiosa da qual pertencia.

Dos autores que fazem a defesa do missionário italiano em suas publicações, a exemplo de Mury (1874), Rodrigues (2010), Gioivo (1975), Forti e Cordara (1784) e Voltaire (1763), todos apontam Parisot como um homem importante na tomada de decisões do ministro português, a respeito da expulsão da Ordem e condenação do missionário italiano. Um exemplo mais claro desse poder encontra-se na redação de uma carta em dezembro de 1757, intitulada A relação abreviada da republica, que os religiosos jesuítas, das províncias de Portugal Espanha, estabeleceram nos domínios ultramarinos das duas monarquias e da guerra que neles têm movido e sustentado contra os exércitos espanhóis e portugueses. Afirmam os biógrafos que aquela correspondência oficialmente escrita pelo ministro português, com assinatura de D. José I, havia sido redigida pelo referido frade. Traduzida nas mais variadas línguas europeias, a intenção era que a má fama dos jesuítas fosse do conhecimento de todos. Conforme Azevedo (2004), mais de 2000 exemplares desse folheto foram distribuídos nas chancelarias portuguesas, com uma cópia endereçada a Roma para o Papa. Esse ato colaborou de maneira decisiva para o declínio e extinção da Ordem inaciana.

Quando interrogado pela Corte inquisitorial, próximo a sua execução, Malagrida alega que deveria ser julgado pela memória do árduo e do perigoso trabalho que empreendera em nome da Companhia:

E que os fundamentos, com que provava ser verdadeira a absolvição, erão a sua profissão de Jesuita, e de Missionario Apostolico: ter passado os mares repetidas vezes, pelo interesse unicamente da Gloria de Christo: Ter entrado em cinco nações das mais bárbaras, que há no mundo; Ter corrido evidente perigo de ser morto, e comido: afirmando o Reo que nao havia maior fundamento para se acreditarem outros servos de Deos, e maior graduação na sciencia, sem que fosse necessário recorrer-se a milagres [...] (ATA DO SANTO OFÍCIO, 1761, p. 11).

Com os argumentos de sua exitosa trajetória de missionário no Brasil, Malagrida indiretamente afirmava que aqueles doutores, tão zelosos da lei, não sofreram os mesmos riscos que ele e nem tiveram a mesma dedicação e empenho, em nome da doutrina cristã. Para ser santo e sábio, segundo ele, era necessário ter realizado anos de trabalho como ele próprio o fizera, arriscando a vida para espalhar a fé cristã entre os povos considerados bárbaros. Apenas o testemunho desse

trabalho bastaria para absolvê-lo. Como se observa, para contrapor aos argumentos da Corte, Malagrida expunha um olhar invertido de sua biografia, de sua identidade, quando a projeta para além da retórica de condenação do Santo Ofício. Proceder assim era resultado de uma rica individualidade cultivada internamente, com uma capacidade de deslocar-se sobre diversos planos (CAMBI; GIAMBALVO, 2008, p. 94), capaz de salvar-se de um tempo de desencanto e de profunda amargura, mas também capaz de produzir e de exprimir lucidez que de outra forma não seria possível. Nutrida de simplicidade e sofisticação, essa forma de dizer era extraída de uma situação amarga e cruel, por isso provocava nos seus adversários um pequeno, mas um forte temor, porque intencionava desestabilizar as certezas de seus algozes.

3 Considerações finais

Como se pode constatar, Malagrida não deixou uma obra sequer escrita, apenas panfletos ou opúsculos, cartas e composições teatrais. A urgência de reforma moral e física do povo com o qual se deparava em suas andanças, muito provavelmente lhe ocupou em demasia. Assim, seus escritos foram resultados dessa longa experiência.

O trabalho de correção dos espíritos dos devotos era abalado com as acusações da Corte, de um lado, e o desejo de que a Ordem sobrevivesse, de outro. Tudo isso desencadeava reações destemperadas como aquela citada por Zulmira Santos (2005, p. 414), na qual Malagrida se dirige ao rei D. José I, ordenando-o que lhe permitisse erguer a casa de exercícios espirituais para corrigir seus próprios vassallos, que após receber esse ultimato “da minha parte não se me dá que elle me mande cortar o pescoço!” Esse tipo de registro certamente é silenciado na escrita jesuítica, porque revela um furor devastador de um homem que deveria demonstrar conduta exemplar, mas que revidava com o mesmo grau de ofensa recebida a quem tentasse manipular informações sobre sua trajetória, na qual se amparavam sua vaidade e seu orgulho.

A imagem não simplificada de si pode em parte ser explicada no culto que ele próprio mantinha à sua figura pela extensão do trabalho realizado no Brasil, somadas às andanças por extensões territoriais gigantescas, visitando e construindo obras assistenciais para populações completamente isoladas. Tudo isso, muito provavelmente, pode ter projetado em si a imagem de um homem santo, fama que não lhe permitiria uma leitura de homem comum.

De qualquer modo, a impressão desqualificada de seu pensamento por algozes e admiradores¹⁸ merece ser revista, sobretudo, pelos rastros deixados de um leitor dos clássicos latinos, nos vários escritos analisados. Assim, torna-se necessário conceder-lhe dignidade, por cultivar um pensamento refinado, persuasivo, e quando moralmente desqualificado demonstrava uma capacidade refinada de reagir e de satirizar as ofensas, tomando como amparo seu patrimônio cultural e literário.

Por fim, lembrar que não eram apenas as palavras escrita e falada do missionário que insultavam ou incomodavam seus algozes, mas a memória de santidade atribuída pelo povo e parte da nobreza, somadas às notícias de sucesso do seu trabalho de fundador de obras assistenciais no Brasil. Nesse sentido, ele intimidava a quem o julgava por ter uma trajetória de exposição de uma vasta cultura literária e teológica, a qual não haveria como destruir nem com seu corpo reduzido a cinzas.

Referências

ALMEIDA, Suely Creusa Cordeiro. **O sexo devoto: normalização e resistência feminina no Império Português XVI – XVIII**. Recife: Ed. UFPE, 2005.

ATA DE EXECUÇÃO DO SANTO OFÍCIO. **Sentença de execução do jesuíta Gabriel Malagrida**. Código do Manuscrito – Ordem Real N. 13. Lisboa, 20 de setembro de 1761. 28p. (Acervo do Arquivo Público do Estado de Pernambuco).

AZEVEDO, João Lucio de. **O Marquês de Pombal e sua época**. São Paulo: Alameda, 2004.

BOAVENTURA, Frei Fortunato de S. **Ineditos portuguezes dos seculos XIV e XV**. Coimbra: Real Imprensa da Universidade, 1829.

BONACINA, Geovanni. P. Gabriele Malagrida e I Somaschi. In: **La figura storica e l'opera sociale e religiosa di P. Gabriele Malagrida S. J. nel Brasile Portogallo del Settecento**. Como: Amministrazione Provinciale di Como [s.n.], 1996.

BRAGA, Joaquim Fernandes Teófilo. **História do Teatro Português**. Porto: Imprensa Portuguesa Editora. (V. III A Baixa Comédia e a Opera – Século XVIII), 1871.

¹⁸ Com relação a esse aspecto, não é demais lembrar a impressão que o romancista português Camilo Castelo Branco (1900) tinha de Gabriel Malagrida, ao escrever a obra Marques de Pombal. Embora em todo o texto o autor faça declaradamente uma defesa da Companhia de Jesus, não deixa de ressaltar que o missionário italiano era homem cheio de alucinações, em razão dos trabalhos exaustivos a que se submetera nas peregrinações missionárias pelo Brasil.

BRANCO, Camilo Castelo. **Perfil do Marquez de Pombal**. Porto, Ed. Lopes e Cia, 1900. 350p.

CAMBI, Franco. **Abitare il disincanto**. Torino: UTET Università, 2010.

_____.; GIAMBALVO, Epifania. **Formarsi nell'ironia: un modello postmoderno**. Palermo: Sellerio Editore, 2008.

CONTE, Gian Biagio. Introduzione. In: VIRGILIO, Publio Marone. Eneida. Traduzione di Mario Ramous. **Venezia: Tascabili Marsilio**, 2011, p. 07-19. (Grandi Classici).

COUTINHO, Marcus Odilon. **O livro proibido de padre Gabriel Malagrida**. João Pessoa, UNIGRAF, 1986.

FERREIRA Jr., Amarílio. Os jesuítas na pesquisa educacional. **Em Aberto**. INEP, Brasília, n. 21, v. 78, dez. 2007.

FORTI, Gaetano; CORDARA, Giulio Cesare. **Il buon raziocinio dimostrato in due scritti, o siano saggi critico: apologetici 1784 – Il Malagrida accusato, e difeso nuovo saggio che serve puó di compimento al buon raziocinio sul Famoso Processo**. Codice del documento: RMLE024272/UB0E043986 (Sezione di Monoscritti della Biblioteca Nazionale Centrale di Roma). A referida obra também se encontra no acervo da Biblioteca Nacional Marciana de Veneza.

GIOVIO, Giovanni Battista. Padre Gabriele Malagrida. In: **Gli uomini della comasca diocese nelle arte, e nelle lettere illustri**. Bologna: A. Forni, 1975, p. 395-397.

GOVONI, Ilário. **Malagrida na Paraíba**. João Pessoa [s.e.], 2008.

_____. **Padre Malagrida: O missionário popular do Nordeste (1689-1761)**. Porto Alegre: Liv. Padre Réus, 1992. 112p. (Coleção Heróis da Fé).

LA RAPPRESENTATIONE DI AMAN. NUOVAMENTE RISTAMPATA, & RICORRETTA. S.I. [non dopo il 1570] (Acervo della Biblioteca Nazionale Marciana di Venezia).

MALAGRIDA, Gabriel. **Conferenza spirituale tra M.R.P Gabriele Malagrida Gesuita, e madame La marchesa Elionora di Tavora**. Venezia, Stamperia Privilegiata della Suprema Superiorità Elvetica nelle Prefetture Italiane [i.e. Giuseppe Bettinelli], 1761, 120p. Codice del documento: BUUE078520. (Acervo: Sezione di Manoscritti della Biblioteca Nazionale Centrale di Roma).

_____. O Juízo da verdadeira causa do terremoto que padeceu a Corte de Lisboa no primeiro de novembro de 1755. In: MURY, Paul. **História de Gabriel Malagrida**. Lisboa: Ed. Santos e Vieira, [1874].

MARTINS, Bene; FERNANDES, Josefa Magalhaes; COSTA, Rosemeire de Almeida. **Dramaturgos amazônidas: século XVIII à Contemporaneidade**. Ensaios, Belém n. 4, v2, ago-dez/2010.

MURY, Paul. **História de Gabriel Malagrida**. Tradução: Camilo Castelo Branco. Lisboa, Ed. Santos e Vieira, [1874].

NARDUCCI, Emanuele. Eloquenza, retorica, Filosofia nel “De Oratore. In: CICERONE, Marco Tullio. **Dell’Oratore**. Milano: Bur Rizzoli, 2010 (Classici Greci e Latini). p. 05-82.

NENCI, Francesca. Dolore e follia nel teatro degli inferi. In: Seneca. **Tieste**. Milano: RCS Libri S.p.A. p. 09-74.

REAL, Miguel. **Padre Malagrida e o Marquês de Pombal**. Brotéria, n.169, 2009. p. 169-189.

PARISOT-CUREL, Pierre (P. Norbert). **Memorie Storiche sopra le missioni de Padri della Compagnia di Gesu all’Indi, alla Cina...** Al Sommo Pontefice Benedetto XIV. 6 v. Londres: Vaillant Librajo, 1751.

_____. Lettre de M. L’ abbé Platel, ci – devant le P. Norbert, **A un évêque, a un évêque de France, au sujet de l’exécution de Gabriel Malagrida, Jesuita, par Setence des Tribunaux de l’Inquisition ou de la Supplication a Lisbonne**, le 20 & 21 de Septembre 1761. Traduit sur l’Imprimè Portugais. A Lisbonne, chez Antoine Rodrigues Galhardo: rue Saint Benoit, 1762, 23p. (Acervo della Biblioteca Centrale di Napoli).

RIBEIRO, Arilda Ines Miranda. **Vestígios da educação feminina no século XVIII em Portugal**. São Paulo: Arte e Ciência, 2002.

RODRIGUES, Matias. **Vida do padre Gabriel Malagrida**. Tradução de Ilario Govoni. Belém (Pará-Brasil): Centro de Cultura e Formação Cristã da Arquidiocese de Belém, 2010. 582p.

SENECA, Lucio Anneo. **Apokolokyntosis**. A cura di Giulio Vannini. Milano: Arnoldo Mondadori Editore S. P.A, 2010.

SANTOS, Zulmira C. **Entre Malagrida e Pombal**: as “Memórias” da última Condessa de Atouguia. Península (Porto). Revista de Estudos Ibéricos. n. 4, 2005: 401-416.

SERAFIM LEITE, S. I. A necessidade civilizadora do trabalho nas Missões e Fazendas. In: **História da Companhia de Jesus no Brasil**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1943 (Tomo V).

SOARES. Álvaro Teixeira. **O Marques de Pombal**. Brasília: UNB, 1986.

SOUZA, Marcio. 2005. Afinal, quem é mais moderno neste país? **Estudos Avançados**. São Paulo, n. 53, v. 19, jan./abr. 2005.

VIRGILIO, Publio Marone. **Georgiche**. Milano: Mondadori Printing S.p.A., 2011.

VOLTAIRE, François Marie Arouet. **Come si fece un bell’auto-da-fè per far cessare il terremoto e come Candido venne sculacciato**. In: Candido e altri romanzi. Traduzione di Paola Marciano AngiolettiAngi Firenze: Casa Editrice G.C sansoni S.p.A, 1971. p. 111-112 .

_____. **Precis du siècle de Luis XV**. Publiè por Maurice Fallex. Paris: Armond Colin, 1893. 416p.

_____. Il sommo male – **Poema sulla legge naturale. Poema sul disastro di Lisbona**. Prefazione di Xavier Cocco. Testo originale a fronte. Il Ramo Editore, Rapallo, 2004.